

Por uma filosofia afro-brasileira: entrevista com Eduardo Oliveira

For an Afro-Brazilian philosophy: interview with Eduardo Oliveira

Hacia una filosofía afro-brasileira: entrevistando Eduardo Oliveira

Alexandre Oliveira Fernandes
Instituto Federal de Educação da Bahia
alexandre.pro@gmail.com
<http://orcid.org/0000-0002-1556-4373>

Ana Caroline da Silva Santos
Universidade Federal do Sul da Bahia
ss.carol@hotmail.com
<http://orcid.org/0000-0002-4489-5905>

RESUMO

Especialmente após a Lei 10.639/2013, muito se tem escrito e discutido acerca de uma “filosofia afro-brasileira”, da qual a ancestralidade é uma categoria fundamental. Sendo o prof. Dr. Eduardo Davi Oliveira (UFBA), um dos pesquisadores que mais tem oferecido significativas contribuições para a área, convidamos os leitores para um (re)encontro com a cosmovisão africana, encruzilhado à religiosidade, ancestralidade, racismo, educação, corporeidade e mitologia. Esta entrevista nos foi concedida pelo prof. Eduardo Oliveira, durante evento intitulado “Corpo, Poética e Ancestralidade” (UFSB), em março de 2019, na cidade de Porto Seguro, Bahia. A simplicidade de suas palavras contrasta com a complexidade de sua ação/reflexão. A práxis de Eduardo Oliveira transita entre a educação formal e a informal, entre os saberes das mestras e dos mestres dos terreiros, da capoeira e da Academia. Durante a entrevista ficamos encantados com seu abraço apertado e sorriso franco; seu saber a nos envolver no pano branco de Obatalá, acalma e apazigua, ao mesmo tempo em que dinamiza e evoca a Vida. Boa leitura!

Palavras-chave: Eduardo Oliveira. Filosofia afrobrasileira. Epistemologia.

ABSTRACT

Especialmente after Law 10,639 / 2013, much has been written and discussed about an “Afro-Brazilian philosophy”, of which ancestry is a fundamental category. Being prof. Dr. Eduardo Davi Oliveira (UFBA), one of the researchers who has made the most significant contributions to the field, invited readers to a (re) encounter with the African worldview, at the crossroads of religiosity, ancestry, racism, education, corporeality and mythology. This interview was granted to us by prof. Eduardo Oliveira, during an event entitled “Body, Poetics and Ancestry” (UFSB), which took place from March, 2019, in Porto Seguro, Bahia. The simplicity of his words contrasts with the complexity of his action / reflection. Eduardo Oliveira's praxis moves between formal and informal education, between the knowledge of teachers and masters of terreiros, capoeira and Academia. During the interview we were delighted with his tight hug and frank smile; His knowledge of enveloping us in the white cloth of Obatalá calms and soothes, while energizing and evoking Life. Good reading!

Keywords: Eduardo Oliveira. Afro-Brazilian philosophy. Epistemology.

RESUMEN

Especialmente después de la creación de la Ley 10639/2003 (donde se declaró de carácter obligatorio la enseñanza de la), se ha escrito y discutido mucho de una "Filosofía Afrobrasileira", dentro de la cual 'la ancestralidad' es una categoría fundamental. Siendo el profesor Dr. Eduardo Davi Olivera (UFBA), uno de los dos investigadores que más ha contribuido al área, es menester nuestro invitar a los lectores a un (re)encuentro con la cosmovisión africana y su encrucijada con la religiosidad, la ancestralidad, el racismo, la educación, la corporalidad y la mitología. Esta entrevista fue concedida por el profesor EO durante el evento intitulado: "Cuerpo, poética y ancestralidad" (UFSB); la cual tuvo lugar en la ciudad de Porto Seguro-Bahía en Marzo del 2019. La simplicidad de las palabras del profesor Olivera contrasta con la complejidad de su acción/reflexión. La praxis de EO transita entre educación formal e informal, entre los saberes de los 'mestres' y las 'mestras' de los 'Terreiros', de la capoeira y de lo académico. Durante la entrevista quedaremos atrapados en su abrazo apretado y su sonrisa franca. Su saber nos envolverá en las ropas blancas de Obbatalá, entre la calma y el sosiego y al mismo tiempo se dinamizará y evocará la Vida. Buena Lectura.

Palabras clave: filosofía afrobrasileira, Eduardo Oliveira, epistemología.

Eduardo Oliveira é capoeirista, filósofo, poeta e escritor de livros fundamentais para os estudos acerca das culturas africanas e afrodiáspóricas, a saber, “Cosmovisão Africana no Brasil: elementos para uma filosofia afrodescendente”, “Ética e Movimentos Sociais Populares: práxis, subjetividade e libertação”, “Filosofia da Ancestralidade: corpo e mito na filosofia da educação brasileira”, “Ancestralidade na Encruzilhada”. “XIRÊ”, seu livro de poesias, é uma “oferenda lírica” publicada pela Editora Oguns Toques Negros. Sua vasta experiência acadêmica pode ser conferida em seu [currículo eletrônico](#). Mas, quem o conhece, se intriga: Du Oliveira existe mesmo de se pegar? Ora, se trata daquelas figuras carismáticas e humanas, demasiadamente humanas, sagrado e profano, cujo gingando

erótico-decolonial não deixa dúvidas: é todo ele um quilombo. Banhado pelas águas de Oxum e Iemanjá, Eduardo Oliveira é um corpo-ORientado por um movimento negro, um acontecimento desferido, diferido, um sopro de Axé por-vir-vindo.



Eduardo Oliveira e seu filho Davi Damiano de Oliveira: capoeira lítica.

Fonte: Arquivo Pessoal

A seguir, a entrevista realizada durante o evento “Corpo, Poética e Ancestralidade”, na Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB), na cidade de Porto Seguro, entre 11 e 17 de Março de 2019.

Entrevistador: Professor Eduardo, essa nossa entrevista está acontecendo em meio a um evento que ocorre esta semana na Universidade Federal do Sul da Bahia – UFSB/Porto Seguro, intitulado “Corpo, poética e Ancestralidade”. Como você avalia a importância de eventos como esse nas universidades?

Eduardo Oliveira: É uma condenação nossos estudantes terem uma formação universitária, exclusivamente dentro da sala de aula. Então, precisamos expandir isso. E uma maneira de expandir é colocar muita gente falando e não falando a mesma coisa, na lógica do diálogo mesmo, no diálogo crítico que só os eventos são capazes de fazer. Ao invés de ouvir um professor, uma professora na sala de aula, por melhor que sejam, é muito melhor ouvir várias outras pessoas, com várias outras linguagens. Isso acontece em eventos que possuem essa lógica, como esse, por exemplo, que a gente fez aqui. Eu estou

colaborando nessa coordenação. Os eventos que tenho feito sempre estão priorizando três linguagens, pelo menos: a acadêmica, a artística e a ativista. E, assim, tentando primar para que todo mundo tenha certa equidade, ou seja, que os convidados e convidadas de uma linguagem não estejam sub-representados. Estou tentando fazer isso, por entender que a produção do conhecimento não deve estar restrita à universidade, a apenas à linguagem acadêmica. A artística e a ativista também devem ocorrer nesses espaços. E, junto disso, entram as comunidades tradicionais, as comunidades de práticas, concorrendo com aquelas linguagens horizontalmente. E os eventos são capazes de produzir isso. Eles é que podem pluralizar os pontos de vista, os debates e mais do que isso. O evento que você citou, que está acontecendo agora mesmo na UFSB, tem obviamente mesas e discussões, mas a centralidade do evento é o corpo. Um corpo que fala. Há várias oficinas acontecendo ao mesmo tempo, a capoeira ganha espaço, predomina, porque a mestra Lara é uma Mestre, porque o círculo que estou andando é de capoeira Angola. Então, estou trazendo convidados dessa área, porque a capoeira é uma potência. Mas tem maracatu, cavalo-marinho e samba. Hoje à tarde, para a minha tristeza, eu vou estar na mesa, na mesma hora que está acontecendo o samba de Pará. Estarei na linguagem acadêmica enquanto rola essa de corpo que eu quero fazer, mas é uma delícia você ter a opção de ir para A, para B ou para C. Os eventos têm essa força de pluralizar e de envolver gente que, inclusive, não é formalmente da academia. Então, você cumpre a função da universidade que é a extensão, a produção e a extensão desses conhecimentos. Mas estender não como aquele que sabe e vomita sobre o que não sabe um determinado conteúdo. Não! É exatamente o contrário. A extensão é literalmente comunitária, ou seja, o saber comunitário vai se fazer no conglamamento de corpos, de linguagens, de encontros. Isso traz debates ótimos, às vezes absolutamente divergentes. E, quando não o são, também não acho ruim as convergências. Eu acho lindas as celebrações, quando são reais, quando são verdadeiras. Quando isso é um acontecimento. Gosto das duas coisas acontecendo paralelas ou juntas, mas bem mais que isso. Mestre Janja, que eu admiro muito e trabalhamos juntos, tinha essa fala que se tornou minha também, por afinidade: “A gente não pode deixar que os estudantes tenham sua formação somente na universidade”. Ela nos alerta para que os estudantes tenham sua formação durante a vida acadêmica toda, ou seja, não é só na sala de aula, nem só nos eventos. É importante, sair desses espaços e ir, por exemplo, para os movimentos sociais, comunidades de práticas, comunidades tradicionais. É importante

fazer sua formação, porque se ficar reduzido à universidade, a formação torna-se muito pequena, limitada.

Entrevistadora: Professor, gostaria que falasse um pouco sobre a ancestralidade como possível instrumento epistemológico para a transformação da sociedade.

Eduardo Oliveira: Que bonito isso! Instrumento epistemológico para a transformação da sociedade. Pensar nessa chave de abertura é lindo! Pensar-nos nessa chave é lindo! Mas eu não sei se chego a tanto. Eu estou a serviço da comunidade. Vim para a universidade para trabalhar para minha comunidade e não para a universidade. Isso é bem certo para mim! E me cria bastante problema. Circulo bem pela universidade, relaciono-me bem com os meus colegas, mas eu também sou bem só. No fundo eu sou muito só, porque estou há quase dez anos na UFBA e estive um tempo na UFRB. Estou sozinho nessa cruzada, com esses temas de filosofia africana, religiões de matriz africana. Mesmo que muita gente fale: “Que legal!”, “que trabalho bacana”; “que lindo”, mas eu estou sozinho. Na hora, por exemplo, que acontecem casos de racismo na universidade, sou eu quem está lá. Sempre! Não é quase sempre. Assumo a postura junto com o estudante, funcionário ou professor que sofreu o racismo. E o racista é absolvido e a gente que denuncia é condenado. Sempre! Agora mesmo eu estou passando por isso lá. Finalmente, pra ser justo, temos agora um grupo de dez, aumentou um pouquinho, tem onze ou doze professores e professoras negras que chegaram à UFBA. Rapidamente, procuraram-me e montamos um coletivo, mas eu sou o mais antigo. Então, agora que temos um coletivo, espero diminuir essa solidão, nesse coletivo de pesquisadores e pesquisadoras negros e negras da FACED. Mas, com certeza, no que toca a esse tema de uma epistemologia baseada na experiência das religiões de matriz africana como transformadora da sociedade, ainda são poucas as pessoas que fazem isso. E aí eu vou para a UFRB pensando que vou encontrar com centenas de professores e professoras que fazem isso. Não é verdade. Por exemplo, em Amargosa, onde estive, encontrei Manoel Soares, não encontrei muito mais gente. Fui à Brasília, São Paulo, Pernambuco pensando que encontraria muitas pessoas, encontro uma ou duas.

Eu estou na universidade para servir nossa comunidade. E, para saber sobreviver numa universidade você tem que saber seu código e tem que saber falar esse código e tem

que produzir dentro desse código. É uma ilusão achar que você pode fazer alguma coisa se você ficar de “mosca morta”. Nunca tive vocação para “mosca morta”.

As pessoas confundem muito, por exemplo, quando eu entro num tipo de briga, acham que eu quero algum cargo, não quero. Quanto mais longe dos cargos eu estiver, mais feliz vou estar! Já assumi cargo, fui coordenador disso, diretor daquilo, porque não foi possível não ser. Mas eu nunca entro de volta, nunca aceito ser reencaminhado aos cargos, ou seja, faço a prática do rodízio mesmo. Eu quero estar mais livre para fazer pesquisa, extensão e ensino; as três coisas associadas. Não quero ficar só na pesquisa, não me agrada. Adoro pesquisar, mas ficar apenas no mundo dos pesquisadores é claustrofóbico. Verdadeiramente é o pessoal mais vaidoso da universidade. Ficar no ensino como se o ensino fosse reproduzir o que os outros pesquisam, eu não quero me submeter a esse tipo de ditadura epistêmica, colonizadora. Não, eu produzo conhecimento e estendo o conhecimento. E, aprendo com a comunidade e com os pares. Inclusive aprendo muito com meus colegas da universidade. Temos gente incrível de fato. Tem gente brilhante! E se aprende muito! Inclusive com os inimigos se aprende bastante!

A minha ênfase está nas comunidades, por isso que estou sempre nos terreiros, nos quilombos, na capoeira, ou seja, nos territórios em que a minha história me levou. São espaços nos quais produzimos conhecimentos, juntos, e disputamos um projeto na universidade. E isso produz solidão? Claro! Várias vezes desqualificam o que eu produzo, falam pejorativamente. “Ah, tá chegando o babá Duda”. Agora eu vou ser Babá Duda mesmo. Agora eu tenho o título, pode me chamar de verdade!

Entrevistadora: Que tipo de linguagem lhe interessa no processo de educação?

Eduardo Oliveira: Linguagem de corpo inteiro é o que interessa! Saber falar com seu corpo todo, como na capoeira! Em geral, por exemplo, vamos observar a educação popular e a educação universitária. Os professores estão fazendo uma injustiça. É quase uma anedota, mas talvez diga alguma coisa. Os professores da universidade sabem dizer como fazer, mas não sabem fazer. Falam para os outros fazer, mas não fazem. A educação popular você faz e os outros aprendem fazendo. Eu prefiro esse outro jeito. Então, por exemplo, eu tenho falado da capoeira, não sou um capoeirista, não vou ser um mestre de capoeirista, nem um contramestre.

Eu não falo do que eu não sei. Eu sou capaz de ir para uma roda, de pedir licença para o berimbau, de jogar com alguém que está começando hoje ou com um mestre que tem 50 anos,

como deve acontecer amanhã aqui no evento, por exemplo. Vou lá, vou jogar, sabendo dos meus limites nessa área. A capoeira é um jogo de pergunta e resposta. Então sou muito limitado com pergunta e resposta na capoeira, mas pelo menos sou capaz de dialogar. Eu não gostaria de falar de uma coisa que eu não faço.

No caso da religião de matriz africana eu já tenho mais repertório, uma coisa que eu tenho pertencimento há mais tempo. Uma vivência maior. E é do que eu menos falo, inclusive. Do que eu menos falo ultimamente, mas é o que eu tenho mais experiência. Falar de uma coisa que você não sabe fazer é enganar o outro. E é, em geral, o que a universidade faz. Fala do que não sabe fazer. Fala de democracia e não pratica, fala de socialização e não socializa. Em geral, manda os outros fazerem, que são os alunos.

É antiético, é exploração do corpo epistêmico e físico da outra pessoa e é crime. Simples assim, é crime! Prefiro essa galera que fala: “Ó, bananeira!” e fica lá três minutos plantando bananeira. Ou a pessoa que fala, como estava ali na cozinha ensinando como fazer empadão. “Faz assim, ó, não sei quê, põe manteiga, assim ou com azeite, assado, solta na mão.” Sabe fazer! Vou eu falar de empadão? Eu sei falar direitinho como faz uma empada, sei mesmo, posso dizer aqui para vocês como é que faz, mas não sei fazer. Então faz lá! Vocês vão passar fome! Vai valer nada, meu saber é mentiroso com relação à empanada. Muito melhor saber fazer a empada e comer ela do que falar de como faz.

É uma alegoria para dizer, em geral, em termos de padrão, que lamentavelmente, o ensino superior é muito teórico. Não é pragmático. Eu queria ver pragmaticamente os valores funcionando. Como os Pataxós fazem, como os quilombolas fazem, como o candomblé faz. Você não vê falar em uma comunidade, por exemplo, comunidade de terreiro em que as pessoas não saibam cozinhar. Não sabe o valor que tem. As pessoas sabem o valor de receber as outras, como é receber, como é acolher as pessoas. “Ó, senta aqui meu filho, deixa o sangue esfriar!” Aí, você baixou a energia, equalizou com o lugar, te dá comida, bebida, te coloca na festa e troca com você. É magnífico! A universidade é assim, você chegou cinco minutos depois “Tá atrasado! Não vai entrar!” Que lugar é esse?

Entrevistador: Prof. Eduardo, a gente se conheceu em um evento da UFRB, em Amargosa. A instituição comemorava 10 anos do curso de Filosofia e, pelo menos a leitura que eu fiz naquele momento é que há uma dificuldade muito grande de os professores trabalharem questões negras, africanas, corporeidades. Por que isso tem ocorrido? Como podemos colaborar para

resolver esse problema, porque, ora, é perceptível, a quantidade de alunos negros no curso de filosofia que não se veem representados e até desistem do curso?

Eduardo Oliveira: É um problema histórico que a gente tem. A História da Filosofia no Brasil é singularíssima. Há, no Brasil, hoje uma Filosofia totalmente controlada pelos jesuítas, uma Filosofia para a Teologia. É uma história longa. Há a história do Pombal, do estudo laico, mas em relação à filosofia, isso muda pouco, em razão de uma matriz europeia. A filosofia no Brasil é absolutamente eurocentrada e, isso atravessou o tempo.

No século XX, em São Paulo, na famosa fundação da escola de Filosofia na USP, eles trazem os professores da França, e inauguram um jeito de fazer Filosofia hermenêutica, ou seja, uma leitura técnica. São sempre textos europeus, com técnica europeia, culturas europeias. E se dava aulas inclusive em francês, e isso durou até pouco tempo atrás, na verdade. A língua oficial da USP, e particularmente da Filosofia, era o francês, e quem não soubesse, problema de quem não o sabia. Isso atravessa o século inteirinho e chega a nós hoje, no século XXI quase da mesma maneira. Não se fala a língua, mas os conteúdos ainda são totalmente eurocentrados. Então a rigor, e eu não estou exagerando na crítica, não se faz Filosofia no Brasil. Há comentários sobre Filosofia. Eduardo Galeano faz um comentário que eu adoro. Ele fala que a gente se comporta como macaco ou como papagaio, imitando os outros. É esse o modelo da antifilosofia no Brasil. Não só no Brasil, infelizmente. Esse jeito de pensar Filosofia é uma concepção de Filosofia, que é antifilosófica, na verdade, ela traz prejuízos incriveis. Você não tem nenhum, um único currículo, em nenhum lugar deste país, nos cursos de Filosofia, nas universidades públicas ou privadas que não tenha esse modelo como predominante. Se estuda uma tal de Filosofia antiga, medieval, moderna ou contemporânea, o que não potencializa o Brasil em nenhum momento. Raramente vai haver um curso de Filosofia do Brasil, menos ainda latino-americana, que ainda tem alguma coisa. Há 5 cursos de Filosofia Africana no país todo. Isso depois de uma militância ferrenha que a gente tem feito. Só cinco universidades. E a UFRB é uma delas, com o prof. Emanuel Soares sendo protagonista desde o início.

O que se tem dentro dessa margem histórica, é uma formação eurocentrada que acaba ensinando a seus estudantes a serem contrários a si próprios. Dá um marco de pensamento a eles contra eles, que os eliminam. As pessoas negras, mulheres, indígenas, estudam justamente aqueles pensadores que justificaram o racismo, o coronelismo, o sexismo, enfim, que justificaram a opressão sobre nós. É de uma violência absurda e tremenda. E eu não estou exagerando na tinta, não. Isso é o que se pratica.

Acontece que os profissionais de filosofia no Brasil, professores e professoras da universidade são altamente colonizados e eu diria mais, é talvez o curso mais conservador, dentro da área de humanas, que temos, apesar da fama de ser o contrário. Quase nunca ultrapassam o século XVII, em termos de pensamento. E isso é bem grave. E quando a gente fala em Filosofia africana, não tem debate, o que tem é uma negação, “isto não existe”, portando não iremos falar disso com vocês. Trata-se de uma exclusão, como o que ocorre com a mulher e o universo LGBT, ou seja, aquilo que é diferente da referência é sumariamente eliminado, é negado. É mais que epistemicídio. Eu gosto do Achille Mbembe: é uma necropolítica, uma política para a morte, nesse caso a nossa morte. Por isso, a Filosofia africana faz exatamente o contrário, ela parte de uma afirmação entusiasmada, firme, politicamente inclusiva da afirmação da nossa vida.

Entrevistadora: Professor, como se relacionam categorias como “identidade” e “ancestralidade” a uma cosmovisão africana?

Eduardo Oliveira: A ancestralidade é uma cosmovisão, mas prefiro usar cosmopercepção africana. Ela é um conjunto de práticas e valores dentro da história, sempre a partir do acontecimento, da experiência. É isso que estamos fazendo, produzindo conceitos, que não são conceitos abstratos, que produzem outros contextos, são conceitos que têm a firme orientação de dialogar com realidades, com a nossa experiência enquanto povo. A cosmovisão é exatamente isto: um conjunto de valores e percepções das histórias comuns, o que leva a uma identidade que é movente, fluida e porosa, a isso eu chamo de ancestralidade. A ancestralidade é o sentido que essas experiências conseguem produzir ao longo do tempo, história e espaço. De certa forma, saímos um pouco do marco da teoria das identidades, dando um passo além, para a teoria da ancestralidade.

Entrevistadora: Os saberes africanos, filosofia da ancestralidade, podem e devem ser inseridos dentro do contexto educacional brasileiro, evitando o ensino cartesiano e colaborando para a promoção de uma educação antirracista e acolhedora com as diferenças. Conte-nos um pouco sobre experiências exitosas.

Eduardo Oliveira: Tem um programa de áudio pela internet que chama “Pop Filosofia”, que a galera entrevista e me fizeram uma pergunta parecida. Respondi que no Tenondê, em Valença,

na Bahia, que é um quilombo que mestre Cobra Mansa é o idealizador, temos feito uma aliança muito intensa e fui lá dar um curso de filosofia africana e o último módulo desse curso aconteceu dentro do rio.

Isso não estava previsto. Estava lá fazendo às conversas, as discussões, as oficinais e fiz uma roda a dez metros do rio. Estava um sol quente danado, ficamos incomodados um pouco com o sol, gostando da conversa, mas preferindo ar condicionado, e teve mesmo esse negócio da reclamação.

Expliquei que, sendo um curso de Filosofia africana que acontecia em um quilombo, não iríamos ficar em uma sala, e como lá não tinha uma única sala com ar condicionado, não faria o menor sentido a reclamação. Olhei para o rio e chamei-os para ele. Disse que iríamos terminar o módulo dentro do rio. Teve uma gargalhada geral, porque você tinha uma galera que iria aceitar de boa, que eram os capoeiristas, mas tinha muita gente acadêmica, da cidade e eles é que riram.

Falei que estava falando sério, que pegassem a roupa de banho para irmos ao rio. As pessoas ficaram na dúvida se iriam ou não. Eu levantei, já estava de sunga, estava em um quilombo, tinha um rio, fui tirando a roupa e fui. Usei minha autoridade professoral e fomos para o rio. Todo mundo entrou no rio. Foi uma coisa mágica porque era exatamente o tópico. Estávamos falando de ecologia e espiritualidade. Comecei a falar de Oxum, pois estava no rio. Falei da lama de Nanã que estava ali, de Oxossi, e tinha uma pedra, Xango. Passou uma brisa, já trouxe Oxalá. Tudo acontecia, mas no corpo da gente.

Era de manhã, a gente tinha que almoçar meio dia e meia. Já eram duas horas e estávamos lá, eram três horas e a gente estava lá. Ninguém queria sair e não tinha fome porque era muito prazeroso e muito intenso estar ali, porque você faz a sinapse ecologicamente, seu corpo com o ambiente. O máximo da educação!

Conseguir essas aberturas é extraordinário. Eu contei essa história para meu entrevistador, que ironicamente é um professor de filosofia africana bastante academicista. Ele me disse que não dá para trazer o rio para dentro da sala. “Como você faz dentro da sala se não vai passar um rio lá dentro?” Eu respondi, que se você não for um educador capaz de transportar rios para sala de aula, você não é um educador.

Podemos muito bem levar os alunos para os lugares! Estou cansado de pegar mãe de santo e levar para as escolas! Quero levar a escola para o terreiro! Mudar um pouco essa estrutura. Tem um tempo que você vai estar na sala e não vai arredar o pé dali. Vai? Então, qual é o problema? Alexandre lembrou de Lívia Natalia, nossa poeta das águas. Ela é água, revoltosa, mansa, salgada ou doce, mas é água o tempo inteiro, então você pode levar uma Lívia Natalia e

você transporta um universo inteiro para a sala de aula e a gente é capaz de fazer com que os educandos entrem nesse universo.

Temos uma coisa chamada palavra; temos tecnologia para fazer isso. Eu fico pensando assim, que uso fazemos das tecnologias? Eu sou um pato tecnológico! Sou ruim com esse negócio, mas eu me valho desse tipo de coisa. Porque se eu não posso levar as pessoas no lugar, eu trago o lugar a partir desses instrumentos. Há artistas geniais que fazem isso. Eu não pego qualquer imagem também, eu pego imagem de quem trabalhou imagem, o áudio de quem trabalhou isso. A gente acha que tem que produzir tudo e não é verdade. Temos que transitar. Tem muita gente produzindo muita coisa. É só conversar, você conversa e traz. O que as pessoas estão fazendo são coisas lindas, de vez em quando você produz também, para não ficar só de "chupança".

Os grupos de pesquisa na Academia têm função importante de ofertar alguma coisa para a comunidade, criar projetos dentro das escolas, das universidades, que sejam capazes de engendrar este tipo de coisas. São espaços privilegiados dentro das universidades, para você sentar, se encontrar, se conhecer e produzir. E, fazendo isto, fazer a extensão desse conhecimento para quem é de direito.

No "Rede Africanidades", escolhemos centralizar no cosmograma bakongo, entre outras coisas. Temos levado ele para os vários âmbitos em que atuamos. Está indo para o direito, para o movimento negro, para o quilombo, para a capoeira. São todas experiências muito exitosas porque tem dado resultado concreto, prático, no sentido de as pessoas ficarem mais empoderadas para essa luta que tem sido travada, mas nem só nesse sentido da militância exterior, mas também para dentro de si.

Quando falo para dentro de si nunca é alienante, porque você precisa saber quem é e que força você tem para ir à luta! Não adianta você estar quebrado e achar que vai brigar com alguém que está inteiro. Você vai se dar mal, então tem que se preparar. Os exemplos são muito legais, têm sido muito bons. Eu tenho visto gente que chegou doente mesmo. Doente sem ser metafórico e tem se curado, por exemplo no "Rede Africanidades".

Entrevistador: Seu livro "Cosmovisão Africana no Brasil" tem algum tempo de publicado. Poderia nos falar um pouco sobre ele?

Eduardo Oliveira: O livro "Cosmovisão Africana no Brasil" trouxe resultados pedagógicos que eu não esperava. É um livro que circulou. Não é o livro que eu mais gosto, mas é o livro que mais

andou e teve mais experiências pedagógicas. Com ele fizeram coisas lindíssimas em todas as áreas, na área da educação física, da literatura, de física, no campo do serviço social, bom, claro, filosofia e em programas pedagógicos da educação. Fizeram muitos usos, inventaram jogos pedagógicos, a partir da cosmovisão africana. São experiências geniais! Criaram material didático a partir desse livro. Foi usado em creches. Deixou-me abismado de felicidade, porque conseguiram traduzir aquilo para linguagem de bebê e criança até três anos de idade.

O que é mais legal nisso tudo, é não perder a oportunidade de conectar esses projetos, como um livro, com outras ações. A escola municipal na qual funciona o Axé Opogunjá, que a Vanda Machado, minha irmã mais velha queridíssima, conhece o programa, levou meu livro para lá. E, assim como o queijo com a goiabada, uma coisa precisava da outra e desse projeto que é muito antigo, nasceram coisas incríveis no país todo.

Escola dentro de terreiro, que é uma coisa difícil de pensar. Visitei, por exemplo, em Goiás, uma escola semelhante. O pai de santo de lá que é uma pessoa extraordinária, super jovem, um artista, disse-me que era incrível me conhecer porque faziam a proposta pedagógica naquela escola, baseada nos meus escritos e na prática existente lá no Opogunjá.

O que eles fazem nessa escola em Goiás, é uma coisa extraordinária. Vou contar só essa para não dizer que não há nenhuma experiência mais concreta. É um terreiro que abriga um centro cultural, então você tem do ponto de vista do terreiro, a nação nagô, tem o culto dos orixás, o culto dos Ifá, os cultos das Iyamis, tem um espaço enorme ladeado pelo rio Goiás, chamado de Rio Vermelho, tem a tenda que é só para caboclo, tem um circo de verdade, uma escola e um espaço que a comunidade utiliza para fazer reunião de tudo, para resolver problema de água, luz, asfalto. É um centro comunitário, para mim é lindo porque integrou espiritualidade, organização social, educação formal. A educação que se pratica nessa escola, que é municipal, é baseada nos valores desse centro cultural, que por sua vez é assentada na figura africano-religiosa. Então, é um tipo de coisa que as pessoas falam que é impossível. Quando você vai lá, não é só possível e lindo demais, é revolucionário e tem anos. Esse tipo de coisa tem muito no Brasil, o que não tem é visibilidade sobre o que se tem. Eu conhecia antes só o projeto sistematizado pela Vanda Machado.

Entrevistadora: Como se sabe, temos poucos autores negros difundidos na literatura brasileira. A que isso se deve? E, por favor, conte-nos um pouco acerca de sua relação com a editora Ogum's Toque.

Eduardo Oliveira: Não me recordo perfeitamente o ano, mas cerca de 5 anos atrás houve em Berlim, na Alemanha, a famosa feira internacional de Literatura. Uma das mais concorridas do mundo, e naquele ano, o país homenageado era o Brasil. O governo alemão pagou ao governo brasileiro para levar um conjunto de escritores brasileiros para a feira, e foi apenas um negro, o que é um escândalo. O governo brasileiro estava dizendo que não há literatura negra no país. E foi o Paulo Lins, que escreveu cidade de Deus, o escolhido, porque havia se tornando um nome bastante conhecido na mídia, por ter um livro que se tornou filme e depois uma série. Portanto, não foi um homem negro da literatura brasileira, que circula naquilo que chamamos de literatura negra. Foi um que é midiático. Com toda a qualidade que tem o texto de Paulo Lins, não está exatamente dentro desse grupo de literatura negra no Brasil. Isso é impressionante porque temos uma tradição longuíssima, a começar pelo fundador da Academia Brasileira de Letras, Machado de Assis, um homem negro, tido ainda hoje como o maior escritor de língua portuguesa no Brasil. Pesa aí sempre o mesmo recurso: o racismo, um racismo cabal. Mesmo que você tenha uma produção, e no caso da literatura é isso, sistemática e mais que secular, mesmo que se tenha essa tradição, o racismo vai invisibilizar, negar, matar, é essa a característica do epistemicídio, na qual, você combate a produção do outro. Na literatura negra, temos vertentes, são vários os grupos. Talvez a publicação mais conhecida da literatura negra, por conta da longevidade, há mais de quarenta anos sem nenhuma interrupção é o “Quilombhoje” com os cadernos negros. E isso é impressionante, eu gostaria que me citassem publicações sistemáticas de quarentas anos, mesmo da literatura branca; há, mas é pouco.

O que leva a literatura negra a não ser incorporada no meio literário, nas feiras literárias, nas escolas? Não há outro nome, isso se chama racismo. A produção que tem é de alta qualidade. Vou dar um exemplo: você tem o movimento concretista no Brasil, internacionalmente conhecido, nomes como os irmãos Augusto e Haroldo Campos, o Décio Pignatari. Essa gente toda fez sucesso no mundo inteiro, influenciou a música, o Arnaldo Antunes entrou nesse negócio, o Gil flertou com eles, a coisa andou. Havia negros no movimento concretista? O Arnaldo Xavier além de fazer poemas concretos, fazia pinturas, imagens com as palavras e sem as palavras. Todo mundo vai bater cabeça para ele, é um homem negro.

Gilberto Dimenstein, jornalista paulista, conta que pegou seu filho em casa e foram para o shopping em um domingo, e após pegar um taxi, no caminho, o menino perdeu um dos chinelos, e foi andando. Ele estava passando pela praça da Sé, para pegar o metrô. O funcionário do metrô disse: olha, o menino está sem o chinelo. O pipoqueiro olha e fala: ele está sem o chinelo. As demais pessoas diziam também: olha, o menino está sem o chinelo. Acontece que era um menino

branco, acompanhado de um pai branco. Ele estava na Praça da Sé, onde há centenas, e aí eu não estou exagerando, centenas de crianças sem camisas, sem pai, sem chinelo, sem vida, sem dignidade, e ninguém fala nada. Isso é racismo, isso acontece com a literatura negra, com a filosofia africana, isso acontece com a gente. Eu quero insistir nisso, não é só uma questão de invisibilidade, somos combatidos o tempo todo.

A Ogum's Toques aparece para mim pela via afetiva. Marcos Gueloar e Mel Adún são os idealizadores da Ogum's Toques. São amigos queridos. A mãe da Mel, a Paula Santos, que é a base da Ogum's Toques, é muito amiga do meu Babalaô. Eu os conheci assim, indo comer cozido na casa dela junto com meu Babalaô. Ficamos amigos, e um dia na casa deles, estávamos juntos, pois sempre saíamos para beber e conversar. Nosso vínculo era esse. Eles estavam preparando um livro de poesia, e aí me perguntaram: você não tem nada escrito e tal? Eu falei: tenho, mas não vou mostrar de jeito nenhum. Eles disseram: vamos fazer uma coletânea, escolha aí uns seis, sete poemas, e colocamos, são literaturas negras. Eu perguntei: o que vocês estão entendendo como literatura negra? Eles disseram: cara, estamos fazendo literatura negra e não estamos discutindo. Vem discutir com a gente, eles disseram. E eu: não tenho a menor condição, vocês são minha referência. A Mel falou: você está aí com algum pen drive que tenha esses poemas, para que eu possa dar uma olhadinha? Por acaso, eu estava com um pen drive. Mel, olhar pode. Eu não pensei que ela pudesse copiar os poemas e quando eu a vi abrir o sorriso, entendi a malvadeza, e logo falei: de jeito nenhum Mel! Tirei o pen drive da máquina, mas ela já havia copiado os textos. Quando a coletânea veio, eles já tinham escolhido os poemas. A gente brigou, eu disse: eu não, não quero. Mas, já haviam publicado e, na verdade, foi uma honra fazer parte da primeira coletânea da Ogum's Toques. Desde então, eu participei organicamente do coletivo.

O coletivo Ogum's Toques reúne escritores e escritoras negras e negros, fotógrafos, performances, a galera das artes gráficas. É um grupo delicioso e a gente não consegue fazer nossa produção distante do ativismo, são as duas coisas juntas. Mas não fazemos ativismo como literatura. Não fazemos literatura militante, tomamos uma posição com relação a isso bem clara: a gente faz estética, discutimos a estética. Tem uma ação militante, a nossa estética é militante, mas não é uma estética da militância, o que faz uma diferença tremenda, nós apostamos na qualidade do texto literário.

Fazer literatura exige esforço, dedicação, diálogo confronto, crítica e o mais importante de tudo, criação. Eu publiquei o meu livro solo, o "Xirê", pela Ogum's Toques, que foi a coisa mais desafiadora que eu fiz. Já produzi livros mais volumosos de Filosofia, que dá um trabalho

interessante, porém o que mais me desafiou na vida, foi publicar o “Xirê” como poesia. Esse foi realmente o exercício mais desafiador, porque poesia é outra história.

Entrevistador: Eduardo, quando li o seu livro, “Xirê”, voltei ao quarto de santo. Tive a impressão de que estava lá novamente. Parece que você o fez de dentro do quarto de santo, pois os signos, os símbolos se levantam e estão ali presentes. Sua escrita vai além de uma estética, não se trata apenas de uma forma, um ponto de vista, trocadilhos, beleza poética, de se pensar se há metáfora e como são trabalhadas. Você faz uma poesia concreta ali, de algum modo, mas brincando com encruzilhadas. Então, tem algo acontecendo, não só encruzilhando Exu, Pomba Gira, mas as palavras, todo o Sagrado que acontece dentro do terreiro. Como foi para você produzir esse livro? Enfim, o que você poderia dizer mais sobre ele e o sagrado?

Eduardo Oliveira: Quando eu fiz a graduação em filosofia, flertava muito com a sociologia. Eu era um estudante de filosofia que tinha bolsa de estudo na sociologia e na educação. A filosofia não me deu bolsa e, quando me deu, tirou, porque eu estudava filosofia latino-americana e me cortaram depois quando fui para antropologia. Fui um pesquisador das religiões de matriz africana, era a figura que estudou a literatura, que foi para terreiro, que entrevistou mãe de santo. Eu fiz muito menos entrevista, fazia pesquisa de campo. Ficava olhando, pegava meu caderninho de campo; muito do que eu queria saber não me era dito porque eu era um pesquisador e demora para você entender isso. Você já sabe na verdade, mas demora para cair a ficha, e a coisa vai, acho que foi um truque dos orixás para me aproximar das casas. “Ah, este menino já está aqui, já se encantou, vamos agora fazer o bote definitivo!”, e me trouxeram para dentro.

Certos saberes me foram entregues e eu não os posso dizer, por compromisso com a comunidade. Fica uma coisa engraçada, tudo que eu sempre quis saber, eu não sabia porque não me diziam, agora, quando me dizem, não posso dizer porque sou um daqueles que vai continuar “enganando” os pesquisadores. É assim que funciona, há muita gente que publica muitos equívocos sobre o candomblé. O pessoal vai lá inventa histórias das mais mirabolantes, e as pessoas publicam como se fossem grandes verdades, sem saber que estão sendo enganadas. Tem várias histórias, de gente que eu não vou dizer o nome, de gente famosa que caiu nesse engodo.

Tem sido cada vez mais revelado que, uma das funções que eu tenho para o Ifá, é dizer o que é o Ifá para quem não é iniciado. Assusta-me muito fazer isso. De qualquer sorte, o sagrado é o meu principal vínculo com qualquer coisa. Meu filho será meu filho duas vezes, porque ele vai

ser iniciado pelas minhas mãos na medida que posso iniciar. Então está indissociada a minha ascendência com a minha descendência, estão totalmente imbricadas. Dizer disso como experiência é muito difícil. Não consegui dizer em nenhum dos livros de filosofia que fiz, nem de antropologia, muito embora fosse objeto. Era objetivo falar sobre isso, mas eu não consegui dizê-lo na potência que o “Xirê” disse.

Meu livro “Xirê” disse isso, disse sem explicar, disse como experiência. Quem passou por processos semelhantes àqueles vai se reconhecer; quem não passou pode acessá-los por meio da poética. É que a gente aprende com a experiência do outro sem ter passado pela experiência do outro; só a poesia faz isso. Outra linguagem eu não conheço; só a poesia em termo de escrita, e todas as linguagens de corpo trazem as pessoas para esse lugar.

O “Xirê” começa com uma nota de rodapé, na verdade, essa nota não está no rodapé, ela está no alto da página e ali é o roncó. Então, ali no fundo é o quartinho, o roncó, e todos os poemas são rodapés dele. Essa é a ideia. Eu adorei fazer isso porque eu não pensei como renovação estética, porque é assim que é no terreiro, é assim que foi comigo quando eu cheguei. Passei a vida no candomblé, uma parte da minha vida como abiã, não ia para o roncó, fazia as outras coisas até ser iniciado no Ifá. E, ao ser iniciado no Ifá, é minha obrigação saber como se inicia outras pessoas.

Passei pelo meu roncó, e o meu roncó foi este de ficar lá, como é todo roncó, na esteira: aprender a comer de novo, aprender a falar de novo, aprender a rezar, aprender a cumprimentar as pessoas. No meu roncó, na minha frente, tinha uma mangueira, no pé dela um assentamento de Ogum, nunca mais a mangueira foi a mesma coisa para mim, é outra coisa. E vai aprendendo com tudo, o mar deixou de ser o mar, o rio, a pedra, o fogo e todo resto, você vai se reeducando a viver de novo e a si próprio.

Quer dizer, o que eu como? O que eu posso comer? O que eu não posso comer? Quem eu sou? Que rei sou eu? Eu sou de uma linhagem de rei mesmo! Oxaguiã é rei. Por isso, tive sempre problema com a educação cristã massificadora que recebi. Eu tinha problemas de dar valor a mim mesmo, porque estava inserido em uma cosmologia que me podava. Até hoje é difícil para mim me assumir como linhagem de rei. É meu lugar no mundo! Eu só vou sentar em esteira. Vocês não vão me ver pomposo, com roupa de ouro. Não vão me ver, mesmo se eu for obrigado a pôr, não vai acontecer, porque meu lugar de ritual é sentar em uma esteira, de perna aberta, com Opon-Ifá no meio, de braços abertos para o que vier. Esse é o meu lugar no mundo.

O sagrado é esse lugar para mim, uma esteira onde eu me ponho nesse serviço de aprendizagem com quem chegar. É o que eu vou fazer agora, coisa que relutei a vida inteira, eu

não sou novinho, e, fantasiosamente, achei que tinha ganhado essa luta. “Eu já estou velho, ninguém vai me chamar para esse lugar.” Dei-me mal, errei feio, é um lugar que tenho que assumir.

E o “Xirê” é um pouco do que eu dizia para você, ele foi esse lugar de achar uma linguagem própria para dizer da experiência própria. É gostoso quando você consegue falar com muita gente. Quando você consegue ser singular, consegue acessar, é engraçado. O Guimarães Rosa já dizia que quanto mais regional, mais universal. E é isso que eu tenho experimentado com “Xirê”. Não é um livro que venda muito, até mesmo porque eu não sei fazer isso. Não é um livro com apelo comercial. Ele não está preocupado em entrar na ciranda da literatura negra no Brasil, não foi feito para isso. Teve boas avaliações por gente da área, o próprio Guel e a Mel se viram nisso. Mas eu sou muita resistente a isso, eu não dei um passo para isso, o que me compraz é exatamente poder dizer da experiência com os Orixás, sem ser descritivo, sendo muito pessoal e sabendo que ao mesmo tempo é comunitário, e dizê-lo como poesia, a única maneira possível.

Propus-me a escrever, o resto é experiência mesmo, que é infinitamente mais rica. Eu moro com meus Orixás. Na casa onde sou feito, o meu babalaô disse: “Leve! Você vai cuidar. Eles querem.” Depois de muitos anos, todos estão sob minha guarda. Minha vida é outra depois disso. Às vezes a gente pira, mas no meu quartinho, do meu lado ali, toda vez que eu piro, escuto: “Vem para cá!” e aí muda tudo. Se eu estou muito triste ou se estou achando que estou o “bambambam”, às vezes a gente ganha coisas que são meio laudatórias e cai na besteira de acreditar. Quando isso acontece, eles me chamam e mandam “baixar a bola”. Ou quando estou triste dizem para eu levantar a bola. Eles me equilibram. Se eu fosse mais inteligente, ouvia só os que eles diziam, mas eu sou bobo e faço o que eu acho que é melhor. E, via de regra, não dá certo.

O sagrado é o lugar onde se vive, é uma casa onde se mora, isso que é o sagrado. Se a gente se volta para fora dele, fica realmente mais vulnerável. É o que acontece comigo muitas vezes. Não sou digno de ser babalaô! Vou fazer e quero dedicar muito tempo de vida e espaço, para ter a mínima condição de exercer essa função, mas eu morro de medo.

Entrevistador: Eduardo, como ocorre seu encontro com o sagrado?

Eduardo Oliveira: Eu tenho a graça de ter Orumilá comigo. Fui escolhido por Ifá, eu me dedico a ele, sou consagrado a ele. Tenho Oxaguiã no meu Ori, na minha cabeça. Oxaguiã é um orixá primordial. Ele é “funfun”, ou seja, um orixá Primordial, que participou da criação do mundo. É um dos que concebeu o mundo. Esses orixás “funfun” são os mais antigos, os menos conhecidos,

é mais complicado cuidar deles. Sou um problema para os meus pais de santo porque é difícil lidar com esse tipo de Ori. Tenho Oxum também como ajuntó, o que é uma delícia! Que traz um pouco de água e frescor pra essa coisa muito aérea que eu sou também, ou seja, por conta de minha ligação com orixás de ar. E pra sustentar o Ifá, tenho os orixás em casa, que eu alimento: Oxossi, Ogum, Xangô e, claro, Exu. Tenho dois Exus em casa. Então, são os orixás que escolheram viver comigo, chamaram-me para cuidar deles e, estou tentando dar conta dessa tarefa que não é coisa simples. Meu pertencimento é o universo de Orún. Esse ano eu devo fazer uma iniciação, que está tomando toda a minha energia espiritual e outras, porque eu fui chamado há algum tempo, mas dessa vez foi muito assertivo, para me tornar babalaô. Algo que não estava no meu horizonte e que se pudesse ter essa escolha e falar não, eu diria. Mas nesse universo, liberdade tem a ver com obedecer! Não é fazer o que se quer. Mas não é obedecer como servidão, obedecer como liberdade mesmo! Vou fazer e entrar! Mudar meu Odu, minha história, para servir minha comunidade na condição de babalaô. Então esse vai ser meu pertencimento. Já é meu pertencimento. Eu só vou oficializar isso numa cerimônia. E aí, essa seria uma conversa à parte. Toda outra, toda própria, porque fundamentalmente é a coisa mais importante da minha vida de hoje, junto com o meu filho obviamente.

Entrevistadora: Professor, estamos, infelizmente, terminando. Solicito uma última palavra sobre a relação entre a Epistemologia e a Universidade.

Eduardo Oliveira: Quem discute produção de conhecimento na universidade diz que faz epistemologia, mas ora, epistemologia do Ocidente é análise. Na análise você separa para conhecer. Pega um corpo, um cadáver separa, esquarteja uma pessoa e só vai estudar aquele ponto. Especializa o conhecimento separando, para depois formar uma visão conjunta disso que é a tal da dedução. O modo de conhecer é separando, análise significa isso. No candomblé ou na cultura de matriz africana é exatamente o contrário, você junta para conhecer. É por participação: então você junta e não separa.

Submetido em 29/11/2019

Aprovado em 27/03/2020

Licença *Creative Commons* – Atribuição NãoComercial 4.0 Internacional (CC BY-NC 4.0)